



# Herança colonial na Gulbenkian

**Europa Oxalá junta obras de 21 artistas europeus, na maioria de ascendência africana, que problematizam através de meios visuais a herança do colonialismo.**

Apresentada como «**uma das grandes exposições do ano**» da Fundação Calouste Gulbenkian, **Europa Oxalá** abre a instituição a um dos *hot topics* do momento – a herança e sequelas do colonialismo europeu em África. Como notou o comissário, António Pinto Ribeiro, «**a arte não está fechada numa caixa branca**» (numa crítica ao White Cube minimalista), pelo que a mostra «**vai tornar visíveis uma série de questões, problemas, temáticas, problemáticas que estão na ordem do dia**».

'Apropriação', 'memórias coloniais' e 'potências ocidentais', 'imperialismo', 'dominadores e dominados' foram alguns dos conceitos invocados ao longo da visita guiada, que contou com a participação

dos comissários (além de Pinto Ribeiro, Katia Kameli e Aimé Mpane) e também de artistas (mas não, talvez significativamente, do diretor do Museu Gulbenkian).

As obras, de 21 artistas europeus na maioria de ascendência africana, apresentam-se nos meios mais diversificados – do mais *naïf* ao mais tecnológico, do ofical ao documental –, não havendo hierarquização ou organização em núcleos temáticos.

**Europa Oxalá** chega à Gulbenkian depois de ter estado no MUCEM, de Marselha, e de Lisboa seguirá para o Royal Museum for Central Africa, em Tervuren, Bélgica, sendo uma co-produção das três instituições (e daí o grande peso da cultura e das questões do mundo francófono).